

DIMENSÕES DE ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA: ESTADO DA ARTE

RENAN GRIJÓ BÚRIGO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

NÉRIO AMBONI

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

PAULO SERGIO DE MOURA BSSTOS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

FERNANDO RAMOS LENGLER

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

DIMENSÕES DE ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA: ESTADO DA ARTE

1 INTRODUÇÃO

O estudo do empreendedorismo tornou-se uma tarefa complexa, devido aos diferentes enfoques adotados nos últimos anos. A formação de novas organizações desempenha um papel vital no crescimento econômico e no desenvolvimento de muitos países, pelo fato das atividades empreendedoras estarem ligadas à criação de emprego, geração de riqueza, aumento competitividade, desenvolvimento tecnológico e na formulação de políticas (AUDRETSCH; KEILBACH; LEHMANN, 2012; GALINDO; MÉNDEZ-PICAZO, 2012; ACS; SZERB; LLOYD, 2018).

O empreendedorismo, assim, é reconhecido como um micro-motor de inovação e do crescimento econômico (AUDRETSCH; HÜLSBECK; LEHMANN, 2012). A atividade empreendedora, segundo Grilo e Thurik (2005), está no centro da inovação, do crescimento da produtividade, da competitividade, do crescimento econômico e da criação de emprego.

Outros autores seminais, como Knight (1972), Kirzner (1986) e Baumol (2010), também destacaram a contribuição do empreendedor no desenvolvimento econômico e na inovação. Para Knight (1972), o empreendedor, ao agir no contexto de incerteza, introduz melhorias em termos tecnológicos e de organização de negócios, abrindo caminho para o progresso econômico. Já Kirzner (1986), afirma que o empreendedor não é o detentor de ideias inovadoras, mas alguém alerta às oportunidades já existentes e que estão à espera de serem descobertas. O empreendedor é, para Baumol (2010), o agente capaz de ampliar as fronteiras das possibilidades de produção de uma dada economia. Nas palavras de Baumol (2010, p. xii), “muitas das decisões que afetam o crescimento (econômico) são realizadas por indivíduos e firmas individuais”.

A motivação que gera a inovação e a mudança deriva de características pessoais (SCHUMPETER, 1976). Para McClelland (1972), são os fatores internos ou endógenos, os valores e motivações humanas, que levam o homem a explorar oportunidades, usufruir de condições favoráveis de negócios e promover o progresso econômico. Entre os principais motivos que impulsionam o ser humano a agir, situa-se a necessidade por conquistas e realizações. Indivíduos com elevado nível de necessidade por realização e conquista, apresentam uma maior propensão a perseguir desafios, de maneira relativamente autônoma.

Outrossim, a orientação empreendedora (OE) demonstra a propensão do indivíduo em se envolver em atividades empreendedoras, com níveis de inovatividade, risco, proatividade (MILLER, 1983; COVIN; SLEVIN, 1991), autonomia e competitividade agressiva (LUMPKIN; DESS, 1996). A OE é distinta do empreendedorismo e reflete "como" uma organização opera em vez de “O que” faz (LUMPKIN; DESS, 2001; MILLER; LE BRETON-MILLER, 2011).

Desta forma, o artigo tem por objetivo evidenciar o estado da arte das dimensões de OE mais utilizadas numa amostra de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

O artigo ganha relevância, porque a avaliação da produção de qualquer área de conhecimento permite identificar seu desenvolvimento, produção e impacto sobre a comunidade científica e sociedade em geral. Uma das possibilidades oferecida pela análise da produção científica é a verificação de indícios de facilidade de trabalho integrado, de interdisciplinaridade na produção de conhecimento e na atuação profissional. Na visão de Hocayen-Da-Silva, Rossoni e Ferreira Júnior (2008) e Jabbourt, Santos e Barbieri (2008), os estudos desta natureza estão ficando cada vez mais recorrentes, devido ao interesse de pesquisadores em elaborar um balanço crítico das publicações científicas em diferentes disciplinas, como forma de avaliar a qualidade da produção científica em termos de: a)

procedimentos metodológicos; b) base teórica; c) número de autores por artigo, dentre outros pontos.

A identificação das dimensões de OE mais utilizadas nas pesquisas, poderá orientar pesquisadores no desenvolvimento de futuros estudos acerca do tema. Isto porque, as mudanças como os desafios globais de saúde, novos modos de como lidar com os clientes, mudanças tecnológicas e culturais estão exigindo que as organizações revisem o seu jeito de atuar no mundo dos negócios, de maneira a se adaptarem às constantes mudanças. Nesse contexto, o empreendedorismo se reveste de importância, tornando-se um diferencial organizacional, uma vez que o mercado pressiona por gestores realizadores, mais criativos e responsáveis pelo seu desempenho.

O artigo está estruturado por seis seções: a primeira trata da introdução; a segunda versa sobre a fundamentação teórica; a terceira apresenta os procedimentos metodológicos; a quarta evidencia os resultados, a quinta mostra as discussões e a sexta apresenta as conclusões.

2. ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA

As raízes conceituais do termo OE foram discutidas pelo Grupo de *Aston*, na década de 1960, no momento em que examinaram de forma sistemática a estrutura organizacional, as funções das organizações e suas relações com outras variáveis organizacionais, como o desempenho da organização e o contexto. O contexto da organização era geralmente avaliado pelo tamanho, ambiente e tecnologia. Essas variáveis foram desenvolvidas em medidas padronizadas para serem utilizadas em uma ampla variedade de organizações (PUGH *et al.*, 1968; 1969).

Um grupo de pesquisa diferente, então, tomou uma abordagem semelhante, mas evolutiva, ao de *Aston*. Henry Mintzberg, na universidade *McGill*, começou a tomar conhecimento dos aspectos empreendedores das organizações. Assim, Mintzberg (1973) identificou três modos de se fazer estratégia: a) modo empreendedor: o empreendedor ao guiar a organização realiza mudanças caracterizadas como “saltos”, ou seja, aquelas resultantes do confronto com as incertezas. O crescimento é a meta principal do modo empreendedor; b) modo adaptativo: o gestor age passo a passo, negociando, reduzindo o conflito e as incertezas; c) modo planejamento: o gestor é um analista, preocupado com os custos e os benefícios.

Na mesma linha, Pradip Khandwalla, também estudioso da universidade *McGill*, começou a se interessar pela dimensão empreendedora das organizações. Khandwalla (1976) identificou vários estilos de gestão (conservador, burocrático, profissional, orgânico, autoritário, participativo e empreendedor), por meio do estudo das crenças e normas utilizadas pelos principais tomadores de decisão. O estilo empreendedor é caracterizado como um estilo de alto nível de risco, associado ao pioneirismo, a inovação e ao crescimento rápido.

Os autores Mintzberg (1973) e Khandwalla (1976), descobriram que as organizações empreendedoras assumiam mais riscos do que outros tipos de organizações, assim como foram mais proativas na busca de novas oportunidades de negócios. Embora os conceitos de risco e de comportamento ousado tenham sido mencionados em artigos anteriores por Mintzberg (1973) e Khandwalla (1976), as origens da OE são atribuídas a Miller e Friesen (1982) e a Miller (1983).

Miller e Friesen (1982, p. 1) argumentam que a OE captura “a natureza da estratégia inovadora da organização como algo definido pelos executivos, a partir dos seus objetivos e temperamentos”. Os autores definem uma firma empreendedora como aquelas “firmas que inovam com ousadia e regularidade, assumindo riscos consideráveis em suas estratégias de mercado de produtos” (MILLER; FRIESEN, 1982, p. 5).

Quadro 1 - Dimensões de OE discutidas por Miller (1983).

| Dimensões de OE – Miller, 1983 | Conceito |
|--------------------------------|--|
| Inovação | Demonstra a disposição e o empenho da empresa no incentivo de novas ideias, com a experimentação e o processo criativo, podendo resultar em novas soluções para processos, produtos ou serviços; |
| Propensão ao risco | Reflete o “apetite” da empresa em comprometer recursos expressivos na busca de retornos também expressivos. Demonstra, também, a propensão dos gestores a se engajarem em projetos de maior risco e, sua inclinação por ações ousadas, no sentido de alcançar os objetivos da organização; |
| Proatividade | Está relacionada com a vontade e a habilidade de aproveitar novas oportunidades; |

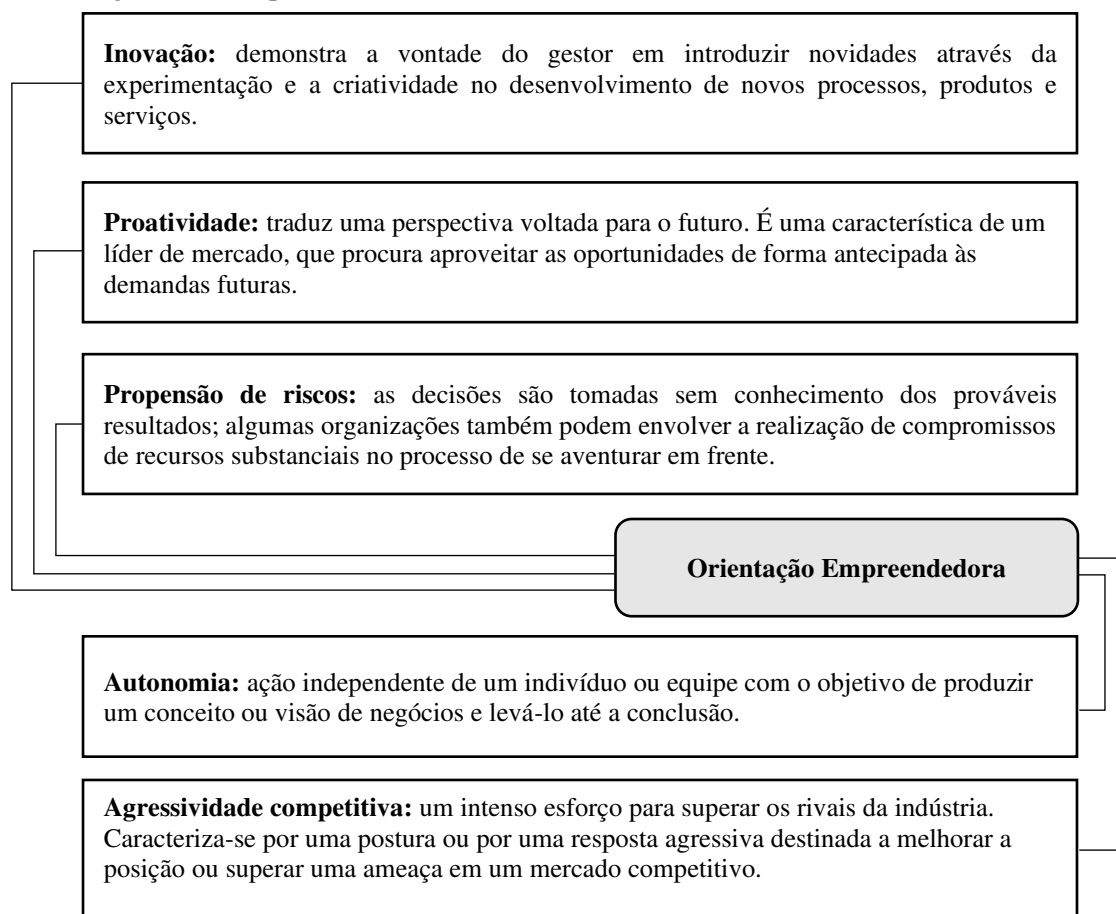
Fonte: Adaptado de Miller (1983).

Na visão de Miller (1983), uma organização empreendedora é aquela que inova muito, é altamente disposta a correr riscos e não imita, mas cria movimentos distintos aos dos concorrentes, liderando o mercado. Assim, para serem consideradas empreendedoras, as organizações deverão apresentar altos níveis destas três dimensões. Miller (1983) foi ainda mais explícito a respeito do assunto quando relata que, em geral, os teóricos não chamariam um empreendedor firme se mudasse sua tecnologia ou linha de produtos, simplesmente imitando os demais concorrentes e se recusando a correr riscos. Alguma proatividade, também, é essencial. Na mesma linha, as organizações de risco que são altamente alavancadas financeiramente não são necessariamente consideradas empreendedoras, porque elas também estão envolvidas no mercado de produtos ou na inovação tecnológica. Desta forma, considerar a OE como uma dimensão composta é intuitivamente razoável (MILLER, 1983). Desta forma, Miller (1983) concebeu a OE (embora ele nunca tivesse usado a expressão OE no trabalho inicial) como a exposição simultânea de inovatividade, tomada de risco e proatividade.

Anos depois, Covin e Slevin (1988) expandiram o trabalho de Miller (1983), quando discutiram diferentes "posturas" que poderiam ser empreendedoras ou conservadoras. Além disso, os autores sugeriram que a OE é um *continuum*, que variava de conservador para empreendedor e, ainda, as organizações poderiam se posicionar em qualquer lugar entre os pólos. Por outro lado, na visão de Miller (1983), uma organização é empreendedora ou não é. Os autores Miller (1983) e Covin e Slevin (1988), compartilham a visão de que a OE de uma organização é demonstrada nas situações em que os gestores do topo estiverem inclinados a assumirem riscos relacionados com o negócio (risco), a favor da mudança e da inovação para obterem vantagens competitivas (inovação), além de competirem de forma agressiva com outras organizações (proatividade).

Sequencialmente, Lumpkin e Dess (1996) reconceitualizaram o construto OE. Os autores definem OE como o processo que leva ao ato de empreendedorismo, definido como uma 'nova entrada' ou 'o ato de lançar um novo empreendimento'. Os autores ampliaram o domínio do conceito com a inclusão de duas dimensões adicionais (autonomia e agressividade competitiva), resultando em cinco dimensões: autonomia, inovatividade, propensão ao risco, proatividade e agressividade competitiva. A inclusão de mais duas dimensões, poderia resultar em diferentes níveis de OE, quando comparada com o modelo de Covin e Slevin (1988).

Figura 1 - A arquitetura da OE.



Fonte: Elaborado por Wójcik-Karpacz (2016, p. 249), a partir de Miller, 1983; Covin e Slevin, 1988; Lumpkin e Dess, 1996.

A definição proposta pelos autores Lumpkin e Dess (1996), é contrária a definições apresentadas por autores precedentes. De acordo com Covin e Slevin (1988), a OE é uma postura estratégica que reflete as decisões e processos da organização como um todo. Por exemplo, uma organização que tem negócios relacionados a riscos e é proativa, no desenvolvimento de soluções inovadoras para o mercado, a fim de manter-se à frente da concorrência, pode ter graus elevados de OE. De outra mão, segundo Lumpkin e Dess (1996), se a inovação não proporcionar uma nova entrada ou novos produtos, no mercado, a organização terá baixos níveis de OE. No avanço científico do tema, Covin e Lumpkin (2011) e Covin e Wales (2012), complementam os desenvolvimentos teóricos e acrescentam novas discussões e reflexões no campo teórico e prático da OE, sobretudo na forma de identificação e mensuração do construto.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é caracterizada como sendo “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, já que tem por objetivo evidenciar as dimensões de OE mais utilizadas em uma amostra de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. A pesquisa “estado da arte” é definida, segundo Ferreira (2002), como de caráter bibliográfico com o objetivo de mapear e discutir uma certa produção acadêmica, com o intuito de verificar que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares. Também, segundo o

autor, são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema de interesse do pesquisador.

A verificação das dimensões de OE mais utilizadas em uma amostra de artigos publicados, em periódicos nacionais e internacionais, envolveu quatro momentos:

Momento 1: revisões bibliométricas sobre o tema de OE - foi realizada pesquisa em diversas bases de dados como *Spell*, *Scopus*, *Web of Science* e outras, com os descritores “*entrepreneurial orientation; bibliometric*”, entre os anos de janeiro de 2015 a junho de 2020.

Momento 2: pesquisa na base de dados *Spell* – foi utilizado o descritor “orientação empreendedora” no resumo, com artigos de língua portuguesa, entre o período de janeiro de 2000 a 28 de junho de 2020.

Momento 3: pesquisa na base de dados *Scopus*, com o descritor “*entrepreneurial orientation*” no título, resumo ou palavras chave, com artigos de língua inglesa, entre o período de janeiro de 2000 a 28 de junho de 2020.

Momento 4: pesquisa de artigos que aplicaram questionários para desenvolvimento/análise de escalas de OE. Foram utilizados os artigos encontrados na *Spell*, na *Scopus* e realizada pesquisa adicional em outras bases de dados, como *Web of Science* e Google Acadêmico, entre o período de janeiro de 2000 a 28 de junho de 2020, com o uso dos descritores em inglês “*entrepreneurial orientation; scale*”; “*entrepreneurial orientation; measurement*” e em português “orientação empreendedora; escala” e “orientação empreendedora; mensuração”.

Para o momento quatro, os autores elaboraram quadro próprio no *Excel* contendo: ano de publicação, autoria, título do artigo, modelo teórico e dimensões de OE utilizadas nas pesquisas. A planilha possibilitou a elaboração de quadros contendo os modelos teóricos com as dimensões de OE, autores e a elaboração de gráficos com a distribuição da produção de artigos por ano de publicação e a frequência das dimensões de OE mais exploradas, pelos autores das 127 publicações aqui analisadas.

Os achados são descritos e discutidos de forma qualitativa, conjugando-se os fundamentos teóricos e práticos discutidos pelos estudiosos e praticantes da área. Diferentes argumentos são utilizados para fundamentar os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS

A seção apresenta os achados, em relação aos quatro momentos da pesquisa realizada, com o intuito de identificar os artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Momento 1: artigos bibliométricos de OE

Conforme pesquisa realizada nas bases de dados citadas anteriormente, no Quadro 2, são apresentados exemplos de trabalhos que realizaram revisão bibliométrica com o tema de OE.

Quadro 2 - Exemplos de publicações bibliométricas em OE.

| Ano | Autor(es) | Título | Revista |
|------|---------------------------|---|--|
| 2015 | Lopes, Lacerda e Martens; | Orientação empreendedora: um estudo bibliométrico sobre a produção científica brasileira. | XVIII SEMEAD |
| 2016 | Martens <i>et al.</i> ; | Research on entrepreneurial orientation: current status and future agenda. | International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research |

| | | | |
|------|---|--|---|
| 2016 | Silveira e Silveira-Martins; | Orientação empreendedora: uma análise bibliométrica em periódicos nacionais e internacionais. | Revista de Administração FACES Journal |
| 2018 | Matte <i>et al.</i> ; | Capacidades de Marketing, Orientação Empreendedora e desempenho da empresa: uma análise bibliométrica. | Revista FOCO |
| 2018 | Andrade-Valbuena, Merigo-Lindahl e Olavarrieta; | Bibliometric analysis of entrepreneurial orientation. | World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development |
| 2019 | Lampe, Kraft e Bausch; | Mapping the Field of Research on Entrepreneurial Organizations (1937–2016): A Bibliometric Analysis and Research Agenda. | Entrepreneurship: Theory and Practice |
| 2020 | Mohammed <i>et al.</i> ; | Bibliometric study of global trends in entrepreneurial orientation using Scopus database. | Journal of Critical Reviews |

Fonte: Produção própria dos autores (2020).

Os autores Lopes, Lacerda e Martens (2015), por exemplo, mapearam 45 trabalhos da produção científica de OE publicados em congressos e periódicos de Administração nacionais, de 2006 a 2015. Os achados demonstram que o campo de estudo está em evolução, sobretudo após o ano de 2011, e a maioria dos trabalhos são desenvolvidos em micro e pequenas empresas.

A fim de buscar publicações nos últimos 30 anos em OE, os autores Martens *et al.* (2016) buscaram responder algumas perguntas como quais são os principais temas discutidos na área ou quais áreas estão fora da discussão geral. Assim, encontraram 405 artigos entre 1987 a 2014 e descobriram que a maior parte das pesquisas trabalham OE com outros quatro principais eixos: performance, estratégia, atitude empreendedora e gestão. Ainda, deixam como sugestão uma agenda de pesquisa em OE.

Os autores Silveira e Silveira-Martins (2016) realizaram análise bibliométrica de OE com 112 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, entre os anos de 2003 a 2015. Segundo os achados, o autor com maior rede é Wales, o mais citado é Covin e o trabalho mais relevante é o de Lumpikin e Dess.

Já os autores Matte *et al.* (2018), realizaram uma análise bibliométrica dos temas de capacidades de marketing e OE em periódicos e na BDTD. Os autores encontraram vários trabalhos que relacionavam OE com melhora de performance das organizações.

A fim de entender a perspectiva dos estudos em OE, Andrade-Valbuena, Merigo-Lindahl e Olavarrieta (2018) buscaram artigos na *Web of Science*, entre os anos de 1976 a 2017. Segundo a pesquisa, as revistas *Entrepreneurship Theory and Practice Journal*, *Journal of Business Venturing* e *Family Business Review* são as mais relevantes no campo. Ainda, a OE foi muito pesquisada com estratégia e empresas familiares.

Para aumentar a compreensão sobre o tema de OE, os autores Lampe, Kraft e Bausch (2019) desenvolveram uma análise bibliométrica analisando mais de 3 mil artigos e 162 mil citações. Os achados demonstram que as publicações são muito isoladas e os autores deveriam olhar para a OE de forma mais holística. Por fim, deixam uma proposta de agenda de pesquisa no tema para outros pesquisadores.

Por descobrirem poucos trabalhos em países em desenvolvimento com o tema de OE e por demonstrarem divergências sobre os resultados encontrados com relação a OE e impacto na performance das empresas, Mohammed *et al.* (2020) realizaram um estudo bibliométrico a fim de compreender melhor o campo de pesquisa. Os autores buscaram 1.284 trabalhos e encontraram que o autor mais profícuo foi Kraus, S, que o *Journal of Business Research* foi o periódico que mais publicou no assunto e que o país que mais publicou foram os Estados Unidos.

Momento 2 – artigos publicados na base de dados *Spell*

A pesquisa realizada junto a base de dados *Spell*, identificou 68 artigos, todos classificados por revista de publicação e *Qualis* CAPES, conforme apresentado no Quadro 3.

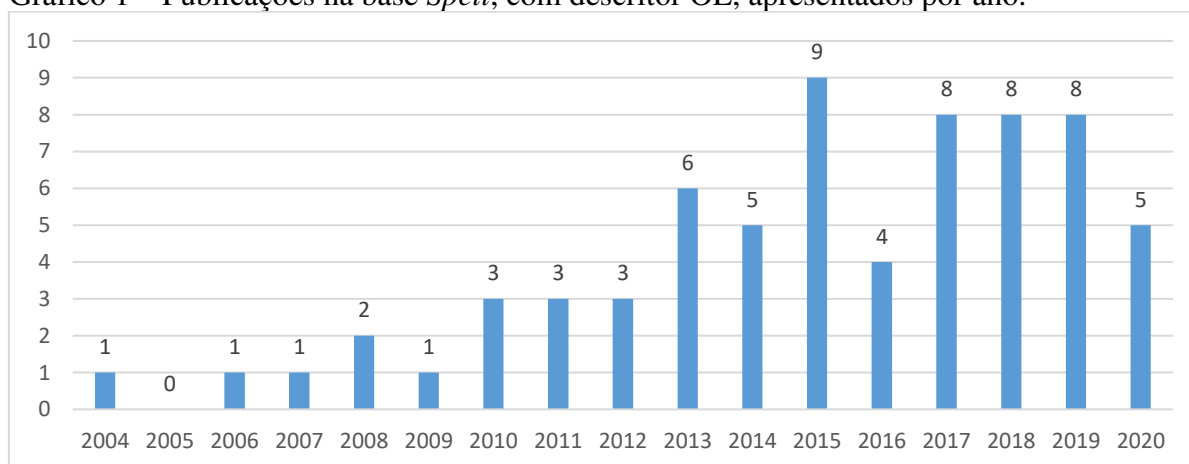
Quadro 3 - Produção acadêmica de artigos sobre OE publicados na *Spell*, de 2000 a 2020.

| Periódicos | Quantidade | Qualis |
|---|------------|--------|
| Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas | 4 | B1 |
| Revista de Negócios | 4 | B1 |
| Brazilian Business Review | 3 | A2 |
| Revista Brasileira de Gestão de Negócios | 3 | A2 |
| Revista da Micro e Pequena Empresa | 3 | B2 |
| Revista de Tecnologia Aplicada | 3 | B3 |
| Revista Ibero-Americana de Estratégia | 3 | B2 |
| Turismo: Visão e Ação | 3 | B1 |
| Cadernos EBAPE.BR | 2 | A2 |
| Revista Eletrônica de Gestão Organizacional | 2 | B2 |
| Revista de Administração Contemporânea | 2 | A2 |
| Revista de Administração da Unimep | 2 | B2 |
| Revista de Administração de Empresas | 2 | A2 |
| Revista de Ciências da Administração | 2 | B1 |
| Revista Eletrônica de Ciência Administrativa | 2 | B1 |
| Revista Gestão Organizacional | 2 | B2 |
| Revista Organizações em Contexto | 2 | B2 |
| Periódicos com 1 publicação | 24 | - |

Fonte: Produção própria dos autores (2020).

Também, de acordo com a pesquisa realizada na *Spell*, os trabalhos são apresentados por ano de publicação, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1 – Publicações na base *Spell*, com descritor OE, apresentados por ano.

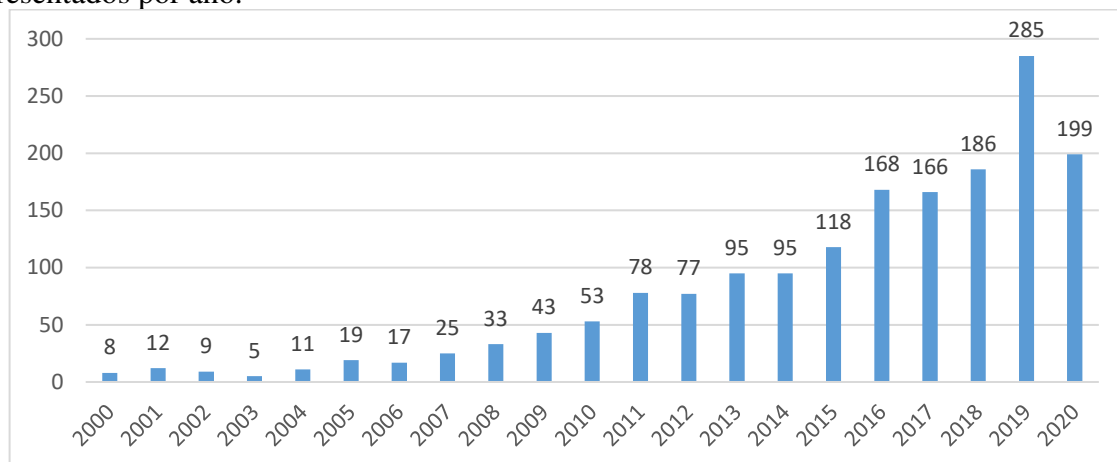


Fonte: Produção própria dos autores (2020).

Momento 3: pesquisa realizada na base de dados *Scopus*

A pesquisa realizada na base de dados *Scopus*, identificou 1.702 artigos, conforme apresentados no Gráfico 2, distribuídos por ano de publicação. É possível notar um aumento crescente nas publicações desde 2007, sendo que o ano com maior número de artigos publicados foi em 2019, com 285 ao todo.

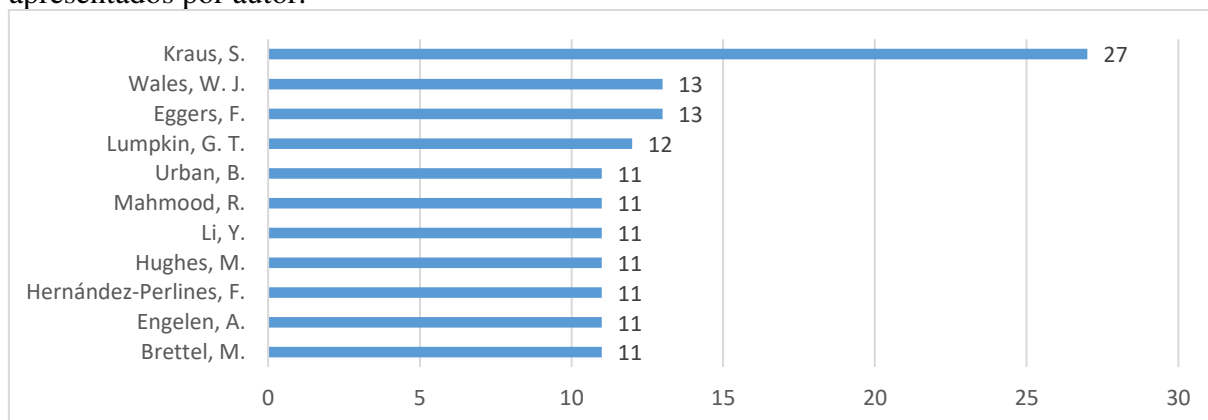
Gráfico 2 - Publicações na base *Scopus* com descritor “*entrepreneurial orientation*”, apresentados por ano.



Fonte: Produção própria do autor (2020).

De acordo com os resultados apresentados no Gráfico 2, assim como no ambiente nacional, as pesquisas internacionais de OE tiveram aumento significativo de publicações a partir de 2010, demonstrando que este é um tema em desenvolvimento ainda também na literatura global. Isto evidencia a importância do tema de OE, tanto para as organizações quanto para os pesquisadores e sociedade. A temática ganha impulso por tratar de dimensões e categorias relevantes para a longevidade das organizações e dos indivíduos. Ainda, os autores que mais publicaram no período, com limite de até 11 publicações, são apresentados no Gráfico 3, conforme apresentado a seguir.

Gráfico 3 - Quantidade de trabalhos publicados na base de dados *Scopus*, com descritor OE, apresentados por autor.



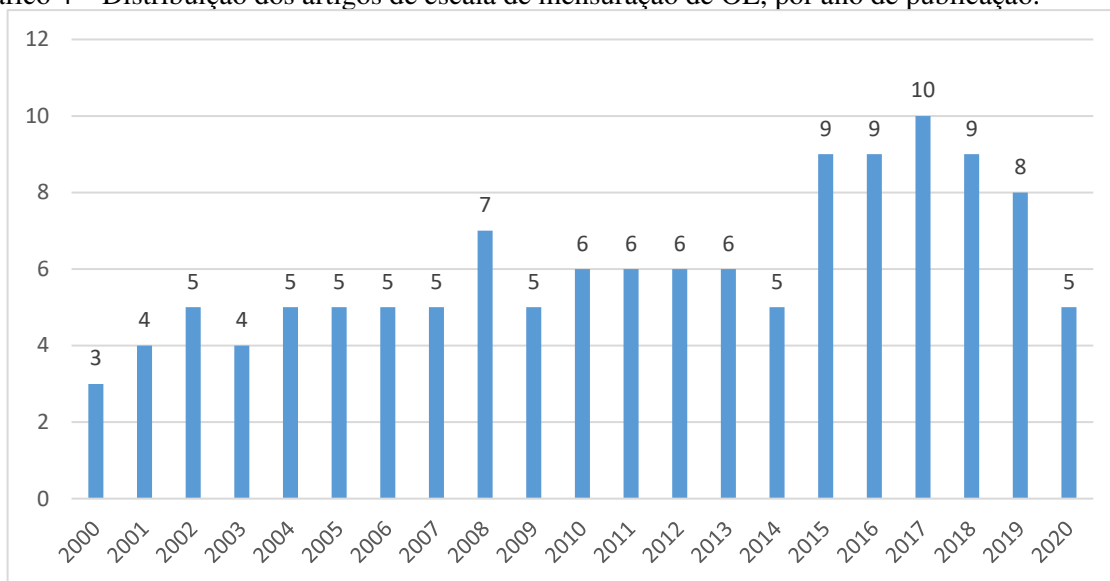
Fonte: Produção própria dos autores (2020).

Desta forma, percebe-se que o autor mais profícuo é Kraus, com 27 publicações, seguido de Wales e Eggers com 13 publicações e Lumpkin com 12 trabalhos publicados. Por outro lado, as revistas que mais publicaram foram: a *International Entrepreneurship And Management Journal*, com 55; a *Journal of Business Research*, com 53 e; a *Entrepreneurship Theory And Practice* com 43 trabalhos publicados.

Momento 4: artigos de OE que utilizaram escala e questionário

Após a identificação dos artigos nas bases de dados citadas, os autores realizaram nova busca, mas em outras bases como na *Web of Science* e no Google Acadêmico, a fim de complementarem as pesquisas anteriores com outros artigos que também utilizaram aplicação de escala para mensuração de OE. Assim, ao todo, foram encontrados 127 artigos que desenvolveram pesquisas no tema e realizaram aplicação de questionários para levantamento dos dados. Outrossim, os 127 artigos são apresentados no Gráfico 4, distribuídos por ano de publicação, com destaque para os anos de 2017 (10 artigos) e 2015, 2016 e 2018 (9 artigos).

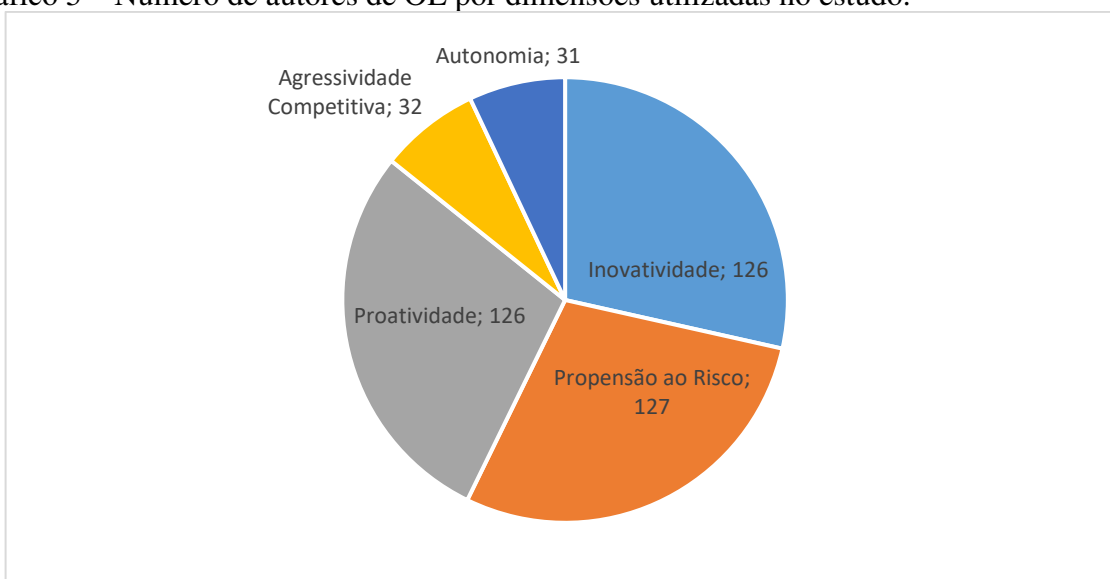
Gráfico 4 – Distribuição dos artigos de escala de mensuração de OE, por ano de publicação.



Fonte: Produção própria do autor (2020).

De posse dos 127 trabalhos, foram identificadas todas as dimensões de OE que estes se propunham a mensurar. Assim, no Gráfico 5, são apresentadas as dimensões mais citadas, contudo, cada trabalho pode ter uma ou mais dimensões combinadas.

Gráfico 5 – Número de autores de OE por dimensões utilizadas no estudo.



Fonte: Produção própria dos autores (2020).

Conforme o Gráfico 5, todos os trabalhos pesquisados utilizaram a dimensão de “Propensão a Riscos” e somente 1 não utilizou a dimensão de “Inovação” e outro não utilizou “Proatividade”. Ainda, 32 trabalhos utilizaram “Agressividade Competitiva” e 31 utilizaram a dimensão de “Autonomia”. Conforme os achados da pesquisa, é possível perceber que a grande maioria dos trabalhos pesquisados utilizaram 3 dimensões (93 trabalhos). Na mesma esteira, 31 trabalhos utilizaram 5 dimensões, 2 utilizaram 2 dimensões e 1 utilizou 4 dimensões. Nenhum dos trabalhos pesquisados, utilizou somente uma dimensão de OE.

5 DISCUSSÃO

Conforme os resultados encontrados na pesquisa, ainda são poucos os trabalhos bibliométricos ou de revisão de estudos de OE, principalmente em periódicos de língua portuguesa. Também, esta pesquisa encontrou poucos trabalhos publicados na base de dados *Spell*, com o descritor de OE. Embora este assunto ainda seja incipiente na produção acadêmica nacional, as revistas que publicam com o tema, conforme pesquisa na base de dados *Spell*, são revistas, em sua maioria, com boa qualificação *Qualis* CAPES, o que evidencia que este é um tema relevante e enseja mais publicações. Todavia, é possível identificar quantidade crescente de publicações na área, em periódicos nacionais, a partir de 2013.

Os achados demonstram que a evolução dos estudos acerca do empreendedorismo e da OE representa, segundo Gerba (2012), um modo de vida e uma entidade que ajuda no processo de pensamento, a fim de superar ameaças e assumir desafios e oportunidades. Gerar novas ideias, transformar essas ideias em negócios lucrativos, criar processos e/ou métodos inovadores e gerar empregos estão entre os muitos papéis assumidos pelos empreendedores (GELAIDAN; ABDULLATEEF, 2017). A OE diz respeito aos processos, práticas e atividades de tomada de decisão aplicadas pelos empreendedores, levando ao surgimento de uma empresa empreendedora (LUMPKIN; DESS, 1996).

Também, a educação para o empreendedorismo representa outro fator que tem contribuído para os avanços dos estudos acerca da OE, porque as atividades empresariais são um elemento essencial do crescimento econômico, da inovação e do emprego. A educação para o empreendedorismo está ganhando importância dentro das universidades (GIACOMIN *et al.*, 2011), porque a educação, em todos os níveis, desempenha um papel vital na evolução de uma sociedade empreendedora. Como a educação oferecida por uma universidade afeta muito a escolha de carreira dos estudantes, as universidades são vistas como fontes potenciais de futuros empreendedores. Outro aspecto que está contribuindo para o aumento da produção é o número de periódicos que estão publicando sobre o tema. Somente 2009, segundo Martens *et al.* (2016), 15 novos periódicos começaram a publicar o assunto.

Também, conforme encontrado na pesquisa realizada na *Scopus*, o tema de OE cresce a cada ano, com aumento de publicações de trabalhos na área. Ainda, é perceptível um grande salto de publicações no ano de 2019, o que demonstra que o tema tem se consolidado na literatura mundial e possui muita relevância acadêmica e científica. Este trabalho corrobora com Mohammed *et al.* (2020) quando encontra Kraus S. como autor mais profícuo e a revista *Journal of Business Research* como uma das que mais publicou com o tema de OE.

Os achados revelam que três modelos são mais trabalhados na literatura, ou seja, os de Miller (1983), Covin e Slevin (1988) e de Lumpkin e Dess (1996). Miller (1983) descreve a OE tomando por base três dimensões (propensão ao risco, inovação e proatividade) que, embora independentes quanto a sua variação, agem com força e efeito sobre o desempenho organizacional e são comumente utilizadas para medir o grau de empreendedorismo. O autor também introduziu a noção de empreendedorismo em nível de firma, formando a base da escola de pensamento que defende que a OE se manifesta como uma coleção de comportamentos organizacionais. Já Covin e Slevin (1988) expandiram o trabalho de Miller (1983), quando

discutiram diferentes "posturas" que poderiam ser empreendedoras ou conservadoras. Para Covin e Slevin a orientação empreendedora era um contínuo que variava de conservador para empreendedor e que as organizações poderiam ser posicionadas em qualquer lugar no *continuum*.

Assim, conforme pesquisa realizada com 127 artigos que utilizaram ou desenvolveram escalas para mensuração de OE, é perceptível o aumento de publicações a partir de 2015, corroborando com os achados nas bases de dados *Spell* e *Scopus*. Também, a maior parte das pesquisas analisadas utilizaram 3 ou 5 dimensões, conforme o desenvolvimento teórico de Covin e Slevin (1988) e Lumpkin e Dess (1996), respectivamente.

As três dimensões mais utilizadas pelos autores pesquisados e que caracterizam a OE são: a) a **propensão aos riscos** (todos os 127 artigos utilizaram esta dimensão) estratégica é caracterizada por ações empreendedoras do tipo, ingressar em mercados desconhecidos, realizar empréstimos pesados, comprometer partes substanciais de ativos corporativos em ambientes incertos (BAIRD; THOMAS, 1985). A propensão aos riscos está normalmente associada ao empreendedorismo, porque o conceito de empreendedorismo na sua forma original inclui a propensão de riscos pessoais; b) a **inovatividade** (126 artigos utilizaram esta dimensão) demonstra a propensão/prontidão da organização em explorar e apoiar novas concepções de produtos e/ou serviços; c) a **proatividade** (126 artigos utilizaram esta dimensão) é descrita como uma perspectiva de procura de oportunidades, caracterizada pelo lançamento de novos produtos e serviços antes da concorrência e/ou para atender uma expectativa de demanda futura.

Vale lembrar que, na visão de Miller (1983), uma organização é empreendedora ou não é, ou seja, apenas as organizações que possuem certo nível das três dimensões poderiam ser consideradas empreendedoras, representando a unidimensionalidade da OE. Para Covin e Slevin (1988), as organizações poderiam ser posicionadas em qualquer lugar no *continuum* e Lumpkin e Dess (1996), de que as dimensões poderiam variar de intensidade nas empresas independentemente do contexto. Os autores Lumpkin e Dess (1996), reconceitualizaram o construto OE e estabeleceram uma clara distinção entre empreendedorismo e processos que levam ao empreendedorismo. Eles conceituam OE como o processo que leva ao ato de empreendedorismo, definido como uma "nova entrada" ou "o ato de lançar um novo empreendimento". A OE envolve as intenções e ações de atores-chaves funcionando em um processo dinâmico gerador visando a criação de novos negócios.

Os autores Lumpkin e Dess (1996), destacam que as três dimensões são fundamentais na compreensão do processo empreendedor, para as quais as combinações dependem do tipo de oportunidade empreendedora que a empresa procura e acrescentam mais duas dimensões a **autonomia** e a **agressividade competitiva**. A autonomia está relacionada às ações independentes dos líderes da empresa e a agressividade é a intensidade do esforço de uma empresa superar os rivais, caracterizando-se por uma postura ofensiva às ameaças competitivas.

A **agressividade competitiva** (32 artigos utilizaram esta dimensão) demonstra o esforço empregado por uma organização para superar os rivais do setor. É caracterizada por uma forte postura ofensiva e por uma forte reação às ações dos concorrentes para alcançar ou melhorar a sua posição. (COVIN; SLEVIN, 1991; LUMPKIN; DESS, 2001; KRAUS; HARMS; SCHWARZ, 2005). As organizações com este comportamento, tendem a assumir uma postura antagônica em relação aos rivais, na tentativa de superar os competidores que ameaçam seus concorrentes (LYON; LUMPKIN; DESS, 2000).

A **autonomia organizacional** (31 artigos utilizaram esta dimensão) é um conceito enraizado dentro da literatura de gestão. Autonomia refere-se à capacidade de tomar decisões e prosseguir com a ação de um indivíduo, ou de uma equipe, direcionada a criar um novo empreendimento, um conceito de negócio/visão e vê-lo se concretizar, sem quaisquer restrições

da organização (LUMPKIN; DESS, 1996; LUMPKIN; COGLISER; SCHNEIDER, 2009; RAUCH; WIKLUND; FRESE; LUMPKIN, 2009).

A autonomia pode capacitar os membros da organização a liberdade e assegurar a flexibilidade para estabelecer e promulgar iniciativas empreendedoras. Ela permite que uma equipe (ou indivíduo) resolva não apenas problemas, mas defina objetivos que precisam ser atingidos para resolver o problema. No entanto, a autonomia é crucial para alavancar os pontos fortes de uma organização, identificar as oportunidades que estão além das capacidades atuais, apoiar o desenvolvimento de novos empreendimentos e na adoção de melhores práticas de negócios. Para alcançar um alto nível de OE, a autonomia deve existir inclusive no nível estratégico (LUMPKIN; COGLISER; SCHNEIDER, 2009).

6 CONCLUSÕES

Conforme os achados desta pesquisa, o tema de OE ainda é relativamente pouco explorado na literatura acadêmica, seja no âmbito nacional ou internacional. Porém, os periódicos que mais publicam no neste tema, atualmente, são periódicos relevantes o que, de certa forma, corrobora para a importância do tema. É perceptível, ainda, uma crescente na quantidade de publicações sobre OE, a partir do ano de 2015, tanto a nível nacional como internacional.

Mais de 70% da amostra, ou 93 artigos, utilizaram a escala seguindo as 3 dimensões sugeridas por Covin e Slevin (1988), consolidando esta como a principal escala de OE utilizada pela literatura. A escala desenvolvida por Lumpkin e Dess (1996), com 5 dimensões, foi utilizada por 31 artigos, o que equivale a praticamente 25% da amostra.

Também, é possível concluir que a dimensão de Propensão ao Risco foi analisada por todos os trabalhos pesquisados. Ou seja, foi unânime que esta dimensão faz parte do construto de OE. Outrossim, as dimensões de Proatividade e Inovatividade tiveram 126 trabalhos analisando-as, respectivamente. Assim, complementa-se que estas 3 dimensões são as mais utilizadas para mensuração de OE e que estão bem validadas e consolidadas por seus conceitos apresentados.

Muito embora as escalas de OE sejam bem definidas na literatura, ainda são pouco utilizadas para publicações e pesquisas, de forma geral. Conforme os achados demonstram, a escala de OE pode ser aplicada de diversas formas, a fim de mensurar a OE de estudantes, acadêmicos, gestores, empresas e para diversos outros fins, que colabore com o desenvolvimento do empreendedorismo e da evolução da sociedade, como um todo.

A partir dos achados percebe-se, ainda, que novos estudos necessitam ser desenvolvidos para analisar a OE por outros prismas e em diversos setores da economia. Outras sugestões, por exemplo, pode ser analisar o construto por meio da aplicação de escalas em diferentes empresas, ou conjunto de empresas, de diferentes setores de atuação, a fim de estimulá-las a buscarem a OE e o crescimento empresarial. Também, a OE pode ser estudada a nível individual ou empresarial e, neste último, com associação com construtos como governança corporativa, marketing, gestão de pessoas, desempenho organizacional ou até no setor público. Este é um tema promissor que demanda mais pesquisas para aprimorá-lo e aplicá-lo, a fim de gerar benefícios práticos a sociedade.

REFERÊNCIAS

ACS, Z. J.; SZERB, L.; LLOYD, A. **The global entrepreneurship index 2018 book**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322757639>. Acesso em: 20 fev, 2018.

- ANDRADE-VALBUENA, N. A.; MERIGO-LINDAHL, J. M.; OLAVARRIETA, S. S. Bibliometric analysis of entrepreneurial orientation. **World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development**, v. 15, n. 1, p. 45-69, 2018.
- AUDRETSCH, D.B.; HÜLSBECK, M.; LEHMANN, E.E. Regional competitiveness, university spillovers, and entrepreneurial activity. **Small Business Economics**, v. 39, n. 3, p. 587–601, 2012.
- BAIRD, I. S.; THOMAS, H. Toward a contingency model of strategic risk-taking. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 2, p. 230-244, 1986.
- BAUMOL, W. J. **The microtheory of entrepreneurship**. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2010.
- COVIN, J.G.; SLEVIN, D. P. The influence of organization structure on the utility of an entrepreneurial top management style. **Journal of Management Studies**, v. 25, n. 3, p. 217–234, 1988.
- COVIN, J. G.; SLEVIN, D. P. A conceptual model of entrepreneurship as firm behavior. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 16, n.1, p. 7-25, 1991.
- COVIN, J. G.; LUMPKIN, G. T. Entrepreneurial orientation theory and research: reflections on a needed construct. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 35, n. 5, p. 855-872, 2011.
- COVIN, J.; WALES, W. The measurement of entrepreneurial orientation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 4, p. 677-702, 2012.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.
- GALINDO, M. Á; MÉNDEZ-PICAZO, M. T. Innovation, entrepreneurship and economic growth. **Management Decision**, v. 51, n. 3, p. 501–514, 2012.
- GEL Aidan, H. M.; ABDULLATEEF, A. O. Entrepreneurial intentions of business students in Malaysia. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 24, n. 1, p. 54-67, 2017.
- GERBA, D. T. The context of entrepreneurship education in Ethiopian universities. **Management Research Review**, v. 35, n. ¾, p. 225-244, 2012.
- GIACOMIN, O.; JANSSEN, F.; PRUETT, M.; SHINNAR, R. S.; LLOPIS, F.; TONEY, B. Entrepreneurial intentions, motivations and barriers: Differences among American, Asian and European students. **International Entrepreneurship & Management Journal**, v. 7, p. 219-238, 2011.
- GRILO, I.; THURIK, A. R. Entrepreneurial engagement levels in the European Union. **International Journal of Entrepreneurship Education**, v. 3, n. 2, p. 143-168, 2005.
- HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; ROSSONI, L.; FERREIRA JÚNIOR, I. Administração Pública e Gestão Social: A Produção Científica Brasileira entre 2000 e 2005. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 655-80, jul./ago., 2008.
- JABBOUR, C. J. C., SANTOS, F. C. A., BARBIERI, J. C. Gestão ambiental empresarial: um levantamento da produção científica brasileira divulgada em periódicos da área de administração entre 1996 e 2005. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 12, n. 3, pp. 689-715, 2008.

- KHANDWALLA, P. N. Some top management styles, their context and performance. **Organization & Administrative Sciences**, v. 7, n. 4, p. 21-51, 1976.
- KIRZNER, I. M. **Competição e atividade empresarial**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1986.
- KNIGHT, F. **Risco, incerteza e lucro**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- KRAUS, S.; HARMS, R.; SCHWARZ, E. entrepreneurial orientation: a psychological model of success among South African small business owners. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 14, n. 3, p. 315-344, 2005.
- LAMPE, J.; KRAFT, P. S.; BAUSCH, A. Mapping the Field of Research on Entrepreneurial Organizations (1937–2016): A Bibliometric Analysis and Research Agenda. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 1 -33, 2019.
- LOPES, W. S.; LACERDA, F. M.; MARTENS, C. D. P. Orientação empreendedora: um estudo bibliométrico sobre a produção científica brasileira. **XVIII SEMEAD Seminários em Administração**, 2015.
- LYON, D.; LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. enhancing entrepreneurial orientation research: operationalizing and measuring a key strategic decision making process. **Journal of Management**, v. 26, n. 5, p. 1055-1085, 2000.
- LUMPKIN, G. T.; COGLISER, C. C.; SCHNEIDER, D. R. Understanding and measuring autonomy: an entrepreneurial orientation perspective. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 1, p. 47-69, 2009.
- LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Linking two dimensions of entrepreneurial orientation to firm performance: The moderating role of environment and industry life cycle. **Journal of Business Venturing**, v. 16, p. 429-451, 2001.
- LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. **Academy of Management Review**, v. 21, n. 1, p. 135–172, 1996.
- MARTENS, C. D. P.; LACERDA, F. M.; BELFORT, A. C.; FREITAS, H. M. R. Research on entrepreneurial orientation: current status and future agenda. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 22, n. 4, p. 556-583, 2016.
- MATTE, J.; GANZER, P. P.; CHAIS, C.; OLEA, P. M. O. Capacidades de Marketing, Orientação Empreendedora e desempenho da empresa: uma análise bibliométrica. **Revista FOCO**, v. 11, n. 3, p. 11-34, 2018.
- McCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- MILLER, D. The correlates of entrepreneurship in three types of firms. **Management Science**, v. 29, n. 7, p. 770–791, 1983.
- MILLER, D.; FRIESEN, P. H. Innovation in Conservative and Entrepreneurial Firms: Two Models of Strategic Momentum. **Strategic Management Journal**, n. 3, p. 1-25, 1982.
- MILLER, D.; LE BRETON-MILLER, I. Governance, social identity, and entrepreneurial orientation in closely held public companies. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 35, n. 5, p. 1051–1076, 2011
- MINTZBERG, H. Strategy-making in three modes. **California Management Review**, v. 16, p. 44-5, 1973.

- MOHAMMED, S.; TALIB, N. B. A.; KOHAR, U. H. A.; MUHARAM, F. M. Bibliometric study of global trends in entrepreneurial orientation using Scopus database. **Journal of Critical Reviews**, v. 7, n. 6, p. 231 – 238, 2020.
- PUGH, D. S.; HICKSON, D. J.; HININGS, C. R.; TURNER, C. Dimensions of organization structure. **Administrative Science Quarterly**, v.13, p. 65-105, 1968.
- PUGH, D. S.; HICKSON, D. J.; HININGS, C. R.; TURNER, C. The context of organization structure. **Administrative Science Quarterly**, v. 14, p. 91-114, 1969.
- RAUCH, A.; WIKLUND, J.; LUMPKIN, G. T.; FRESE, M. Entrepreneurial orientation and business performance: Cumulative empirical evidence. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 761-788, 2009.
- SCHUMPETER, J. A. A resposta criadora na história econômica. In: LUCAS (org.). **Economia e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- SILVEIRA, B. R.; SILVEIRA-MARTINS, E. Orientação empreendedora: uma análise bibliométrica em periódicos nacionais e internacionais. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 15, n. 4, p. 100-126, 2016.
- WÓJCIK-KARPACZ, A. **The Researchers' Proposals**: what is the entrepreneurial orientation? Managing Innovation and Diversity in Knowledge Society Through Turbulent Time (pp. 247-255). Timisoara, Romania: TIIM, 2016.